

# Metrópole



**Minuto Doutor Especialista.**  
No Estadão no Ar: das 7h às 10h e das 12h às 14h.

Rádio Estadão  
FM 92,9 - AM 700

ANS - nº 30133-7

**Ajuste.** Documento obtido pelo 'Estado' informa que pesquisa prevista para 2016 não será realizada em 'razão de contenção orçamentária' do Ministério do Planejamento; estudo é parâmetro para Fundo de Participação dos Municípios e deve ficar só para 2020

## IBGE cancela contagem da população após Dilma cortar orçamento de 2015

Felipe Werneck / RIO

Dentro do ajuste do governo Dilma Rousseff, o corte no orçamento federal já afeta as atividades que serão desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A contagem da população brasileira prevista para o próximo ano foi cancelada "em razão de contenção orçamentária", afirmou a direção em comunicado interno.

Obtido pelo Estado, o informe foi colocado à disposição de todos os funcionários na intranet da instituição anteontem.

Na mensagem, a direção do IBGE, presidido por Wasmália Bivar, afirma que o Ministério do Planejamento avisou, na se-

gunda-feira desta semana, que será "impossível realizar a contagem populacional em 2016". Inicialmente prevista para ocorrer em 2015, a pesquisa já havia sido adiada para o próximo ano também por falta de recursos.

A última contagem foi realizada no Censo de 2010. Como não há nova previsão, é possível que o estudo só venha a ser feito no Censo de 2020.

Os dados da contagem populacional são repassados pelo IBGE à União em razão de uma exigência da Lei 8.443, de 16 de julho de 1992. As informações são usadas como base para o cálculo do repasse do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Sem a realização da pesquisa, o IBGE envia apenas as

estimativas da população, que passam a servir de base para o cálculo da verba a ser recebida.

O corte no orçamento do valor destinado ao levantamento populacional já havia sido informado em setembro do ano passado, mas a direção do IBGE tentava, desde então, reverter a decisão do ministério ao qual está vinculado.

Intitulado "Corte no Orçamento confirma impossibilidade de realização da Contagem da População em 2016", o comunicado interno frisa que a decisão foi tomada "a despeito de a instituição estar preparada tecnicamente para a realização" da pesquisa.

O estudo, que envolve cerca de 80 mil recenseadores, tem

● **Custos**  
**R\$ 170 mi**  
foi a receita destinada ao IBGE no Orçamento de 2014

**6 mil**  
servidores efetivos trabalham no instituto e 5,8 mil prestam serviço como funcionários temporários

custo estimado de R\$ 1 bilhão. Para realizar a pesquisa em 2016, o IBGE precisava começar agora a planejar a aquisição de infraestrutura e a contratação de temporários. Além da contagem, outras pesquisas po-

dem estar ameaçadas neste ano caso o governo não aprove a realização de concurso para reposição de servidores aposentados, afirmou Wasmália a chefes de unidades estaduais do IBGE em videoconferência realizada ontem à tarde, conforme o Estado apurou. A assessoria do instituto, porém, negou a declaração.

**Foco.** A direção informou no comunicado que o IBGE "agora concentrará seus esforços no planejamento do Censo Agropecuário 2016 e na redefinição do plano de trabalho da Base Territorial e do Cadastro de Endereços". O Censo Agropecuário foi realizado pela última vez em 2007. Boletim interno de setembro já informava que os cortes

no Orçamento da União de 2015 também impediriam a realização da pesquisa.

"A realização do Censo Agropecuário é de extrema relevância para o setor e para vários outros aspectos da vida nacional, que vão desde questões sociais importantes, como segurança alimentar e agricultura familiar, a questões macroeconômicas, como os preços dos alimentos e a balança comercial", afirmou o documento.

"É fundamental que todos se mantenham mobilizados e estruturados em torno destas operações que vínhamos desenvolvendo", acrescentou a direção do órgão. Procurada, a assessoria do Ministério do Planejamento não foi encontrada.

## Por trabalho ou estudo, 7,4 milhões no País se deslocam entre cidades

SP lidera, com fluxo de 146 mil pessoas entre Guarulhos e a capital; 56% vivem em cidades com integração intensa

Luciana Nunes Leal / RIO

No Brasil, 7,443 milhões de pessoas trabalham ou estudam fora das cidades onde moram e são obrigadas a se deslocar, mostra estudo inédito do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base nos dados do Censo 2010. A pesquisa não revela, porém, com que frequência os deslocamentos ocorrem.

No caso da auxiliar administrativa Juliana de Jesus, de 25 anos, foi necessário sair de São Paulo para morar em Guarulhos para encurtar o trajeto até o trabalho, por mais paradoxal que possa parecer. "Anteriormente, eu morava no Grajaú (zona sul), a duas horas e meia de onde trabalho, no Jabaquara (também na zona sul). Faz um ano que me mudei para o Jardim Trânsito, em Guarulhos (cidade vizinha ao norte), e demoro uma hora e meia para chegar no serviço. Facilitou bastante a minha vida (por causa do trânsito menor, apesar da distância maior)", explicou.

Só da Estação Armênia, na Linha 1 do Metrô, saem diariamente 48 linhas São Paulo-Guarulhos. A menor aprendiz

Patrícia Viana, de 19 anos, conta que vive desde que nasceu no município de Guarulhos e, agora, acompanha os amigos no movimento diário para a capital paulista. "Conhecer gente que mora e trabalha em Guarulhos é raro", afirmou.

O maior deslocamento do País, aliás, acontece em São Paulo: 118.020 pessoas, população equivalente à de Ribeirão Pires (SP), saem de Guarulhos e vão à capital paulista trabalhar ou estudar. No sentido inverso, e pela mesma razão, 28.310 pessoas vão de São Paulo a Guarulhos - fluxo total de 146.330 pessoas.

**Movimento pendular.** O fluxo de pessoas entre cidades para trabalho e estudo, chamado movimento pendular, é a base da pesquisa, que criou o conceito de arranjos populacionais para grupos de pelo menos duas cidades onde é intensa a movimentação entre moradores.

Os arranjos populacionais de mais de 100 mil habitantes foram chamados concentrações urbanas. Em 2010, 56% da população (106,8 milhões) vivia em cidades com integração intensa com outro município, em 294 arranjos populacionais. A maioria (96,8 milhões, ou 51,6% da população) vivia em concentrações urbanas.

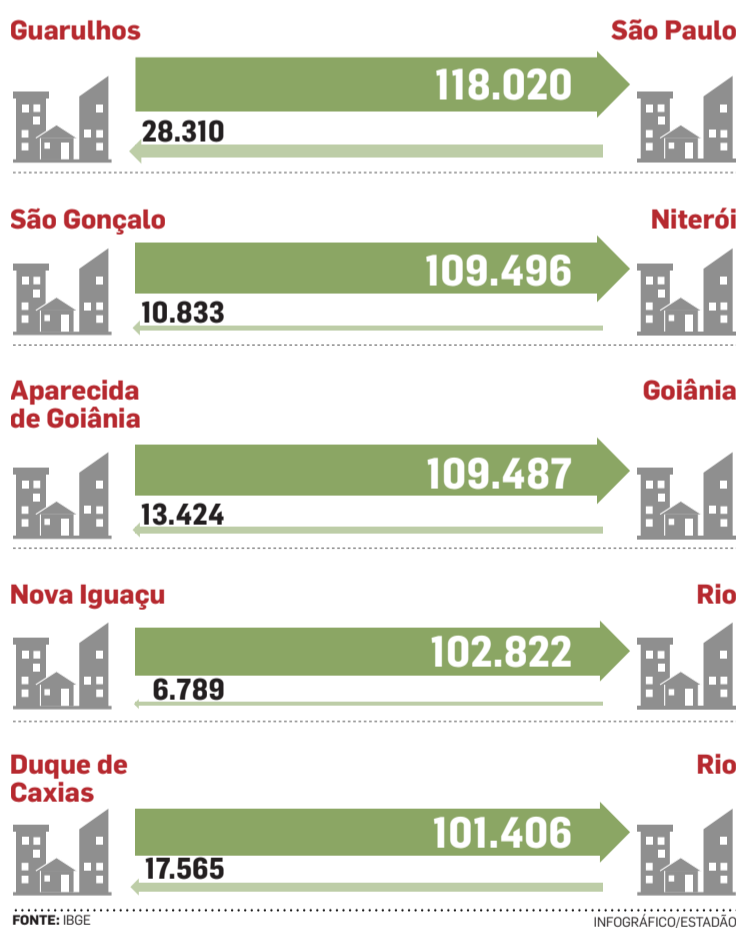
Os mapas feitos pelo IBGE apontam clara tendência de interligação entre as cidades, que ultrapassam divisas territoriais e pedem políticas públicas inte-

### VIAGENS

● Cerca de 146.330 pessoas se deslocam regularmente entre Guarulhos e São Paulo para estudar e trabalhar. É o maior fluxo entre municípios do País

EM NÚMERO DE PESSOAS

➔ CINCO MAIORES DESLOCAMENTOS DO PAÍS PARA TRABALHAR OU ESTUDAR  
➔ SENTIDO CONTRÁRIO É MENOS CONCORRIDO



gradas. Grande manchas urbanas estão concentradas principalmente no Sudeste. "Os grandes aglomerados urbanos são uma tendência mundial e apontam para a importância dos consórcios municipais, que combinam decisões e políticas públicas. Nesses aglomerados, os municípios sozinhos não são na-

da", disse o geógrafo Claudio Egler, da Universidade Federal do Rio (UFRJ), especialista em planejamento regional.

Os números mostram que o trabalho é a grande motivação dos movimentos pendulares. Dos 7,4 milhões que se deslocam, 5,8 milhões (79%) vão a outra cidade apenas trabalhar e 1,1



● **Lotação**  
"Moro em Guarulhos e trabalho em São Paulo há mais de um ano. O transporte é uma tortura. De manhã pego ônibus superlotado e para em vários pontos. Quando volto, demoro duas horas para chegar em casa."  
**Taís Alves de Oliveira**  
ENFERMEIRA



● **Mudança**  
"Há seis anos trabalho no Jabaquara, e moro na Vila São Rafael, em Guarulhos, há um ano. Tem de pegar ônibus intermunicipal e metrô todos os dias, mas já é bem melhor que quando eu vivia no Grajaú. Mudar de cidade facilitou."  
**Juliana de Jesus**  
AUXILIAR ADMINISTRATIVA



● **Fora do pico**  
"Já cheguei a estudar na Penha (zona leste de São Paulo), trabalhar em Osasco e morar em Guarulhos. Consegui estágio na capital e ao menos o horário em que eu saio e volto não é de pico."  
**Patrícia Viana**  
MENOR APRENDIZ

milhão (15,5%), só estudar. Se deslocam para trabalhar e estudar 408 mil pessoas (5,4%).

O maior fluxo que não inclui a capital é entre Santo André e São Bernardo (69,7 mil pessoas). Nessas cidades, o poder público deveria pensar em gestão compartilhada, com atenção para água e esgoto, na opi-

ção de Claudio Egler. "Já existem experiências de consórcios municipais na gestão de bacias hidrográficas e a tendência é que ganhem corpo no Brasil." Como é a primeira vez que o IBGE analisa a integração de municípios, não foi possível comparar com censos anteriores. / COLABOROU MÔNICA REOLOM

## Das 26 concentrações urbanas, 5 são de SP

Com 19,6 milhões de habitantes, o maior agrupamento é formado pela capital e mais 35 municípios

A pesquisa do IBGE sobre integração entre municípios apontou 26 grandes concentrações urbanas no País, 5 em São Paulo. Nessas manchas urbanas, viviam 79 milhões de pessoas, ou 41,3% da população. Foram considerados grandes concentrações urbanas os conjuntos de municípios fortemente interligados que somam mais de 750

mil habitantes. O deslocamento dos moradores para trabalhar ou estudar em outra cidade é o motivo principal da ligação entre os municípios.

São Paulo é o único Estado com mais de uma grande concentração. O maior agrupamento é formado pela capital e mais 35 municípios, somando 19,6 milhões de pessoas. As outras grandes concentrações urbanas paulistas ficam nas regiões de Campinas (1,874 milhão), Baixada Santista (1,556 milhão), São José dos Campos (1,419 milhão) e Sorocaba (779,7 mil). A interligação das concentrações urbanas paulistas é tamanha que o

IBGE criou para São Paulo a categoria "cidade-região", com 27,4 milhões de habitantes de 11 arranjos populacionais (grupos de cidades ligadas entre si, independentemente do tamanho), com total de 89 municípios.

A pesquisa mostra também deslocamento intenso entre Rio e São Paulo para estudo ou trabalho. Apesar da distância de mais de 400 km entre os núcleos urbanos, o Censo 2010 apontou que 13,400 pessoas se deslocavam entre eles, 57,7% para trabalhar, 40,5% para estudar e 1,9% para trabalhar e estudar. O fluxo entre Rio e São Paulo é apontado como "caso especial"

no estudo, que não aponta com que regularidade os trabalhadores e estudantes se deslocam. Por causa da distância, o mais provável é que os deslocamentos sejam semanais.

Para a pesquisadora Mônica O'Neill, ainda não se pode falar em tendência de que Rio e São Paulo se tornem uma megalópo-



**NA WEB**  
**Portal.** Veja dados sobre o fluxo nas capitais do País

estadao.com.br/e/fluxoibge

le. "Ainda há vazios entre Rio e São Paulo."

**Pequenas cidades.** O IBGE pesquisou também pequenas cidades que têm forte ligação entre as populações ou que são tão próximas que formam uma única mancha urbana. O menor arranjo populacional no Estado de São Paulo reúne as cidades de Gastão Vidigal e Monções e soma pouco mais de 6 mil habitantes. O polo de atração é Monções, que recebe 349 moradores da cidade vizinha. Só quatro moradores de Gastão Vidigal vão para Monções, dois para estudar e dois para trabalhar.

O segundo menor arranjo reúne uma cidade paulista, Ribeira, de 3,3 mil habitantes, e uma paranaense, Adrianópolis, com 6,3 mil. Atravessam a divisa para o Paraná 119 moradores de Ribeira, a fim de trabalhar ou estudar. No sentido contrário, 54 habitantes de Adrianópolis vão para a cidade paulista. O engenheiro de segurança Ubiratan de Camargo, morador de Ribeira, viaja todos os dias para trabalhar em Adrianópolis, no Estado do Paraná. São cinco minutos no trajeto. "É o tempo de passar a ponte do Rio Ribeira e estou no trabalho", diz. No Estado de São Paulo, também são consideradas cidades interligadas Santo Antônio do Aracanguá (7,6 mil habitantes) e Nova Luzitânia (3,4 mil); Riolândia (10,5 mil) e Pontes Gestal (2,5 mil); Paulo de Faria (8,5 mil) e Orindiúva (5,6 mil). / L.N.L. e JOSÉ MARIA TOMAZELA